



Ciência e Jornalismo: Apontamentos sobre as ideias de Boaventura de Sousa Santos para a compreensão do Jornalismo¹

Jorge Kanehide Ijuim²
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo:

As bases para o Jornalismo Moderno foram estabelecidas no Século XIX, quando a Imprensa institucionalizou-se como empresa de comunicação. Esta transformação aconteceu no clima e na circunstância do pensamento científico moderno. O presente trabalho, de caráter ensaístico, apresenta alguns apontamentos advindos da pesquisa que realizei na Universidade de Coimbra (2012-2013) e visou aprofundar o conhecimento sobre o pensamento científico contemporâneo, em especial nas ideias de Boaventura de Sousa Santos. Como um estudo teórico-prático, recorri ao método filosófico (Folscheid e Wunenburger, 1997) para mergulhar nos escritos do autor. Em decorrência, procuro averiguar como o pensamento de Santos pode contribuir para a construção de uma crítica aos modelos de jornalismo atuais – ainda com evidência nos preceitos da Ciência Moderna.

Palavras-chave:

Ciência e Jornalismo; Fundamentos do jornalismo; Epistemologia do jornalismo; Boaventura de Sousa Santos.

1. O pensamento predominante e o fazer jornalístico

O Jornalismo como o conhecemos hoje é fenômeno desenvolvido por uma práxis que remonta a experiência europeia do Século XVII. Como instrumento da burguesia, serviu inicialmente aos interesses econômicos e, quando esta burguesia aspirou a conquista dos palácios, transformou-se em tribuna para seus pontos de vista políticos e ideológicos. De veículo de divulgação de informações úteis à burguesia, passou a ser meio de difusão de ideias e ideais dessa burguesia em ascensão.

Em 1690, o alemão Tobias Peucer (2004) já esboçava as primeiras linhas para uma Teoria do Jornalismo. Com seu *De relationibus novellis* (Relatos jornalísticos), defendeu o que é reconhecido como a primeira tese acadêmica no campo do Jornalismo, na Universidade de Leipzig. Ao refletir o pensamento e a prática do seu tempo, discorreu sobre preceitos que, mais tarde, seriam contemplados em códigos de Ética, como também apresentou noções de valores notícia. É interessante notar, portanto, que o trabalho de Peucer sinaliza as tendências para a constituição de um pensamento jornalístico acompanhando a atmosfera da construção da cultura da Modernidade.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014. – Estudo elaborado com base no estágio pós-doutoral realizado na Universidade de Coimbra (2012-2013) com apoio Capes.

² Professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Email ijuim@cce.ufsc.br.



Ao avançar ao Século XIX, a Imprensa transformou-se em indústria da informação, quando o fazer jornalístico passou de atividade artesanal para empresa de comunicação de massa, um veículo da Indústria Cultural, e adotou os mesmos métodos e procedimentos de uma fábrica do sistema capitalista. Esta configuração aconteceu no clima e na circunstância da predominância do pensamento científico moderno. Esses princípios operaram tanto nas práticas científicas como nas práticas comunicacionais. Como lembra Cremilda Medina, naquele período “se propõe gramáticas presentes tanto na metodologia da pesquisa do conhecimento científico quanto na de captação e narrativa da contemporaneidade que se difunde nos meios de comunicação social” (2008, p. 18). Sobre tais confluências, questiona a pensadora luso-brasileira:

Que meditem os jornalistas e os cientistas se não é esse o princípio que rege a pesquisa empírica – coleta de informações de atualidade ou coleta de dados sobre fenômenos em estudo no laboratório científico (MEDINA, 2008, p. 19).

Este estado de espírito foi um grande contributo da revolução científica (Kuhn, 1987) vivida na Europa desde o Século XVI. Os estudos sobre o universal e o particular de Descartes e Bacon, e a explicação matemática do funcionamento da natureza, de Newton, proporcionaram avanços formidáveis no progresso material e na maneira de pensar e desenvolver as ciências. O *cogito ergo sum* e o universo mecânico, por um lado, inauguraram a era antropocêntrica, como levaram a cabo o paradigma da racionalidade científica. Tal visão de mundo proporcionou, entre outros aspectos, algumas crenças: redução de toda realidade à soma das partes – fragmentação, especialização, disciplinaridade; redução do real ao experimental – certeza, divisão sujeito-objeto; homem e todos os seres vivos vistos como máquinas; primado da ciência, da experiência e da razão – determinismo; ideia de homem dominador do planeta; prevalência do individualismo sobre o coletivo; saber como sinônimo de razão científica – a serviço do progresso (CAPRA, 1993).

Neste ambiente, Augusto Comte desenvolve seu “espírito positivo”, entendendo que os mesmos postulados alcançados pelas ciências naturais poderiam reger a vida social. Para ele, a investigação científica só é positiva se o pesquisador opera com o que é. Por isso, a observação é a única base possível dos conhecimentos acessíveis à verdade, adaptados sensatamente às necessidades reais. Ao explanar sobre essas ideias, Medina sublinha,



A realidade objetiva é, pois, o privilégio do espírito positivo. O ponto de partida e o de chegada se resumem então na harmonia entre a vida especulativa e a vida ativa (MEDINA, 2008, p. 20).

Por isso, como interpreta a autora, o espírito positivo delimita os sentidos: 1) o real em oposição ao quimérico; 2) o que é útil em contraposição ao que é inútil; 3) ao contrário da indecisão ou das dúvidas indefinidas, a certeza constituída pela harmonia lógica; 4) um grau de precisão compatível com a natureza dos fenômenos e conforme a exigência das verdadeiras necessidades humanas opõe o conceito de preciso a vago; 5) o significado mais banal, positivo *versus* negativo – caberia à filosofia organizar, e não destruir; 6) reforça-se a tendência, necessária para Comte, de substituir em tudo o relativo pelo absoluto (idem, p. 20).

Medina (2008) ainda salienta que, os influxos positivistas levados aos modelos jornalísticos tiveram grande importância para a evolução da imprensa. A efervescência socioeconômica, política e cultural daquele final de milênio respondiam ao crescimento demográfico e o aumento da população alfabetizada. Este quadro exigia uma comunicação mais ágil e, da mesma maneira, mais informações da atualidade, o que reflete em simplicidade e concisão na linguagem. O gênero reportagem cria condições para a narração da experiência humana na forma de cenas vivas do cotidiano. O rigor científico traduz-se nas salas de redação em trabalho de apuração e checagem de dados, com ganhos em precisão, entre outros benefícios.

A evolução dos meios de comunicação exigiu a adoção de métodos e processos fabris que permitissem maiores tiragens e em periodicidade mais curta. Também foi necessária a formação de profissionais com a rapidez que essa demanda determinava. A inevitável padronização do fazer jornalístico, ao mesmo tempo em que propiciava regularidade ao material publicado, colocava em risco sua densidade e a necessária contextualização. A departamentalização das indústrias (cartesiana) é transferida às empresas de comunicação na forma de setorização, editorias, para concentrar esforços em assuntos preestabelecidos, muitas vezes “fechando-se” ao ponto de negligenciar relações e correlações entre acontecimentos.

Mais que estes aspectos aparentemente técnicos, o espírito positivo levou à Imprensa outras posturas que determinaram problemas mais sérios. A racionalidade com ênfase no real e no útil evoluiu para a crença nas certezas absolutas; em outros termos, os jornalistas acreditavam que suas matérias “espelhavam” a realidade. A procura da verdade por uma visão acrítica naquele momento fazia com que os profissionais se



imaginassem comunicadores desinteressados na missão de informar. Como esclarece Nelson Traquina, com a grande popularidade das câmeras fotográficas, criou-se a metáfora de que as notícias publicadas eram “retrato” da realidade (2005, p. 146-149). A chamada “teoria do espelho” foi considerada insuficiente no decorrer do Século XX e hoje há consenso entre teóricos de que a Imprensa tem por incumbência, sim, a *procura da verdade*, mas produz *versões da verdade*.

Esta crítica de Cremilda Medina foi a inspiração e o ponto de partida para envidar o aprofundamento no pensamento de Boaventura de Sousa Santos. Durante o período em que realizei meus estudos de pós-doutoramento junto à Universidade de Coimbra (2012-2013), procurei indícios e argumentações que pudessem representar mais um passo aos esforços de Medina, como relatarei nas próximas linhas.

2. Primeiros apontamentos

O intelectual que inspirou minha investigação é Boaventura de Sousa Santos, doutor pela Universidade de Yale (EUA). Professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, também atua na Legal Scholar da Universidade de Wisconsin-Madison e na Global Legal Scholar da Universidade de Warwick (EUA). Como diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), é coordenador científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa e membro do Núcleo Democracia, Cidadania e Direito (DECIDE). Seus estudos estão centrados nos temas: Epistemologia, sociologia do direito, teoria pós-colonial, democracia, interculturalidade, globalização, movimentos sociais, direitos humanos. Sua identificação com o Brasil vem desde o seu doutoramento em Yale, quando realizou trabalho de campo em comunidades faveladas no Rio de Janeiro. No verão de 1970, investigou os padrões de resolução de conflitos e de pluralidade jurídica na favela do Jacarezinho, trabalho que teria influenciado de forma decisiva a sua trajetória como pesquisador.

As reflexões sobre a obra de Santos na minha vivência em Coimbra, aliadas a participação em suas conferências, e entrevistas que realizei com investigadores portugueses, me permitiram estabelecer pontos de partida que revelam as múltiplas possibilidades de, ao aprofundar o conhecimento e a compreensão desses pensamentos, de contribuir para o aperfeiçoamento de uma crítica séria e consistente aos modelos de



jornalismo aqui em questionamento. Destaco a seguir alguns apontamentos iniciais nesse sentido:

O primado da ciência... ou o endeusamento da ciência

Em seu *Discurso sobre as ciências*, Santos (2010) salienta que o fabuloso progresso tecnológico das últimas três ou quatro décadas podem nos iludir a pensar que os personagens da revolução científica inaugurada no Século XVI seriam pré-históricos. A rigor, qualquer inovação ocorrida nesses quatrocentos anos é evolução, fruto ou consequência de ideias brotadas a partir de Copérnico, Galileu e Newton. A racionalidade, o experimentalismo e o rigor da lógica metodológica fizeram o homem moderno substituir sua fé no divino pela fé em sua inteligência e em suas próprias mãos. Em outros termos, o homem, como personagem central do mundo, teria trocado Deus pela Ciência.

Nesse cenário, não só os centros de pesquisa, como qualquer organização – pública ou privada – têm procurado se equipar com os instrumentos criados pelas ciências. Seu braço operativo, a tecnologia, é símbolo do moderno, do atual, da eficiência. A título de ilustração, vou narrar um caso verídico que pude acompanhar em 2006:

O jornalista João e seu amigo Marcelo viajavam de carro pelo interior do estado de São Paulo. Marcelo advertiu ao jornalista sobre a quantidade de penitenciárias recém-instaladas às margens daquela rodovia. Era uma dezena ao longo do trecho que deveriam percorrer até a capital, São Paulo. A cada unidade prisional a que avistavam, Marcelo citava uma curiosidade que havia observado sobre este fenômeno. As novas casas de detenção teriam transformado aqueles lugares com a criação de um pequeno comércio no entorno – uma pequena pensão, um minimercado, uma farmácia, uma lanchonete. Seria natural que amigos e familiares dos detentos teriam que pernoitar, se alimentar, fazer pequenas compras nos dias de visitas. O jornalista mentalizou uma pauta, pois reconheceu a importância das informações levantadas pelo amigo. Como chefe de reportagem de um grande jornal de circulação nacional, João imediatamente estruturou a pauta e encaminhou a um repórter. Após três ou quatro dias sem retorno, João cobrou uma posição do colega de sua equipe, para o que respondeu: “a pauta não tem sustentação, não há qualquer dado ou estatística de algum órgão oficial que comprove este virtual crescimento nessas cidades em que há novas penitenciárias”. João recolheu a pauta e a jogou no lixo. “Desisto, a cultura do jornal para o qual trabalho – e de seus profissionais – não consegue enxergar esta pauta”, teria dito o chefe de reportagem³.

³ Os nomes foram trocados e o título da publicação não foi citado justamente porque o episódio narrado representa a frustração do jornalista em questão, razão que me leva a preservar as identidades dos envolvidos.



A frustração do jornalista é compreensível. A cultura de supervalorização da ciência – e de seus instrumentos – impõe à sociedade – e a imprensa é uma instituição do mesmo bolo social – o estigma de que a reportagem só terá credibilidade se for chancelada por informações oficiais. Nas observações de Santos, pela lógica da ciência moderna, “é necessário reduzir os fatos sociais às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis” (SANTOS, 2010, p. 35).

O senso comum... e a informação não oficial

Na narrativa aqui transcrita, poderíamos questionar se a “falta de informação oficial” já não poderia justificar a pauta. Afinal, se o repórter partiu do viés econômico (pensamento segmentado – cartesiano), poderia também vislumbrar a matéria por outros olhares, como o social, cultural, hábitos e costumes porventura alterados nesses lugares.

Santos sublinha que a ciência moderna desprezou o senso comum num combate ideológico contra o irracionalismo do *ancien régime*, caracterizado como conhecimento superficial e ilusório; criou-se a oposição trevas/luz. Por sua perspectiva, o autor defende que o pesquisador deva promover uma ruptura (epistemológica) com o senso comum (primeira ruptura), com uma observação crítica e rigorosa sobre essa manifestação e transformá-la em conhecimento. Mas, esta feita, o cientista deve transformar suas constatações novamente em senso comum (reencontro – segunda ruptura), ou seja, colocar esta criação/geração de conhecimento à disposição e em favor do coletivo. Da mesma forma, o jornalista, por critérios rigorosos de noticiabilidade e de suas técnicas de reportagem, poderia examinar a pauta (inicial e aparentemente baseada em ideias vulgares) de outras maneiras e torná-la viável. Criatividade: desenvolver a pauta por outros olhares. Nestes termos, para Santos, “caminhamos para uma nova relação entre a ciência e o senso comum, uma relação em que qualquer deles é *feito* do outro e ambos *fazem* algo de novo” (SANTOS, 1989, p. 40 - grifos no original). O jornalismo poderia caminhar também por estas vias?

Esta criatividade só veio cinco anos mais tarde, quando um jornal correspondeu à perspicácia e o desejo dos personagens desta história. Em dezembro de 2011, o Valor Econômico publicou a reportagem “Presídios geram negócios e empregos no interior de SP”. Ainda que o ponto de partida, pela própria natureza do periódico, tenha sido a economia, o texto mostra aspectos sociais interessantes, com destaque para a mudança nas rotinas e a evolução dos municípios que abrigam aqueles estabelecimentos penais.



Causas e consequências – redução das versões únicas

Em *Para além do pensamento abissal* (2007), Boaventura de Sousa Santos descreve a bipolarização do mundo através de um sistema de distinções visíveis e invisíveis. São linhas, limites imaginários que remontam Tordesilhas e outros tratados que separam a realidade social em dois mundos – norte-sul, civilizado-selvagem, colonizador-colonizado. O conhecimento e o direito modernos representam suas manifestações mais elaboradas. No campo do conhecimento, este pensamento consiste na concessão à ciência moderna o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso. O caráter exclusivo deste monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e as não científicas de verdade. A ciência como conhecimento monopolista privilegia uma epistemologia das *consequências*; estas vêm sempre antes das *causas*.

Este foco nas *consequências* mais que nas *causas* parece ser outra postura marcante que a Imprensa assimilou do pensamento moderno. Nos episódios sobre o movimento reivindicatório de policiais militares no início de 2012, a começar pela Bahia e depois se estendendo a outros estados, os meios de comunicação divulgaram maciçamente o “estado de insegurança” vivido pela população. Numa breve amostra de matérias disponibilizadas sobre o assunto, pode-se levantar algumas considerações relevantes:

Greve da polícia militar lança o pânico em Fortaleza
(DN-Globo – 03/01/2012)

Justiça decreta ilegalidade da greve da polícia
(A tarde online - 02/02/2012)

Exército vai ficar na Bahia durante o Carnaval
(Folha de S. Paulo - terça-feira, 14/02/2012)

Insegurança causa medo até em policial civil
(Folha de S. Paulo - domingo, 12/02/2012)

PMs são suspeitos de 25 homicídios durante greve; Bahia teve 180 ao todo
(Estadão.com – 13/02/2012)

Prejuízo do comércio com a greve da PM foi de R\$ 300 milhões
(Jornal da Manhã – TV Globo Bahia – 13/02/2012)

Constata-se desde já a ênfase nas *consequências*, refletida nos discursos sobre danos, prejuízos, incompetência política, intolerância dos profissionais, entre outros aspectos. Se a ciência positiva torna fenômenos sociais em objetos (coisas), alguns setores da Imprensa também o fazem e raramente têm tratado das *causas* desses fenômenos, o que acaba por configurar versões únicas (não plurais) dos acontecimentos.

A mesma lógica monopolista da ciência implantou a distinção entre sujeito e objeto. Mais simples e na maioria das vezes adequado nas ciências naturais, nas ciências sociais



esta relação desliza ao enxergar fenômenos também como objetos (coisificação). Este equívoco se repete no jornalismo ao visualizar a maioria dos acontecimentos como “coisas”. Para perceber melhor este processo de coisificação, pode-se averiguar uma pequena amostragem de matérias publicadas sobre a Fundação Casa (antiga Febem), que abriga adolescentes em situação de risco:

Princípio de rebelião é controlado em unidade da Fundação Casa em SP - (G1 - 04/02/2012 12h42)

Rebelião em Fundação Casa termina com dois feridos na zona leste de SP - (OESP - 30 de novembro de 2011 | 10h 28)

Adolescentes fazem funcionários reféns na Fundação Casa em SP (Folha.Com - 30/11/2011 - 10h43)

Jovens incendiam ala de unidade da Fundação Casa em SP (Folha.Com - 16/07/2011 - 18h59)

Primeiro, há grande incidência de matérias sobre a ocorrência de tentativas de fugas e rebeliões. Quando as reportagens se propõem a tratar de maneira reflexiva, o tom recai para as insuficiências do sistema, a insegurança da população com as fugas (ou com o risco de rebeliões). Em outras palavras, o tema Fundação Casa tem sido tratado como *fato-coisa* e não encarado de maneira a ultrapassar o campo da segurança pública – não é tratado como *fenômeno social*. Por que a sociedade necessita de tantas instituições para abrigar esses adolescentes? Raramente uma matéria jornalística no Brasil provoca a discussão sobre as causas do aumento da marginalidade juvenil, conjugada ao estado de pobreza da população, o índice de desemprego, a instabilidade familiar, entre outros fatores.

Exclusão e desumanização

A ciência moderna, que tem colaborado para a manutenção desse pensamento abissal, apresenta limitações quanto ao conteúdo do conhecimento que busca. Como alerta Santos, sendo um conhecimento mínimo que fecha as portas a muitos outros saberes sobre o mundo, este é desencantado e triste, e transforma a natureza num autômato. Assim, o rigor científico, por fundar-se no rigor matemático, quantifica e, ao quantificar, desqualifica; ao objetivar os fenômenos, os objetualiza e os degrada – os caricaturiza. Nestes termos, acentua Santos:

O conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza e a retumbância dos êxitos da intervenção tecnológica esconde os limites da nossa compreensão do mundo e reprime a pergunta pelo valor humano do afã científico assim concebido (SANTOS, 2010, p. 54).



Sobre essa exclusão desumanizadora, vou aqui referenciar dois casos que considero emblemáticos. O noticiário brasileiro tem dado pouca atenção à América Latina; quando ocorre, em geral, aborda aspectos exóticos, catástrofes ou sobre o estigma do tráfico de drogas. Durante a Copa do Mundo de Futebol de 2010, na África do Sul, a seleção paraguaia avançava com vigor em direção às semifinais da competição. A modelo Larissa Riquelme, contratada por uma empresa para promover seus produtos durante as transmissões dos jogos, nas praças de Assunção, ganhou visibilidade pela sua beleza e pelos detalhes de suas roupas. Larissa angariou maior torcida quando anunciou que desfilaria nua caso o Paraguai chegasse às semifinais da competição.

A Imprensa brasileira deu grande ênfase a sua promessa e a emissora *SporTV* cometeu abusos em sua reportagem sobre o tema. Ao descrever o Paraguai, a matéria caracterizou aquele país de maneira jocosa e preconceituosa. Ao valorizar aspectos físicos da modelo, insinuou contrastes para acentuar a imagem de um país no “fundo do poço”. A reportagem foi construída de forma a ridicularizar um país inteiro. Pela história do Brasil e do Paraguai, nota-se que a equipe de reportagem, educada por uma colonialidade hegemônica – excludente, assumiu a postura do superior sobre o inferior, do rico sobre o pobre. Reforçou estereótipos de que o Paraguai é um país pobre, de uma população de ignorantes e excêntricos.

O segundo exemplo, leva qualquer brasileiro no exterior a colocar-se “do outro lado” se comparado à referência anterior. A reportagem “Esquema Certidões falsas feitas no Brasil servem para Portugal emitir passaportes”, foi publicada pelo jornal “i”, de Lisboa, em 6 de outubro de 2012. A matéria queixa-se da falsificação de documentos por um cartório no interior de Goiás que tem permitido a emissão de passaportes portugueses e, com isso, a possibilidade de brasileiros viverem na Europa. Mais que o tom de denúncia, o texto denota estereótipos associados à cultura e à falta de controle das autoridades brasileiras. Na versão online, a provocação do jornal foi correspondida imediatamente pela interatividade da seção de comentários:

- Mas que grande novidade...! NUM PAÍS DE "MALGUINHAS"...!
Já tudo...! É possível...!!!

- Mas que admiração, eles são manhosos e falsos, infelizmente para o nosso País só vem os das favelas com todos os problemas e vícios q trazem alem da falta de civismo e de educação pensam q podem fazer por cá tudo o q lhes apetece, já é tempo de adoptarmos leis como as dos EUA e Canada.



- Em S. Paulo, na 11 de Março compra-se todo tipo de documentos, pelo menos é o que as Tvs lá do sitio noticiam, é só estar atento e ter os €€€ ou \$\$\$ para pagar...

(sic)

Se o rigor científico objetiva os fenômenos e os degrada – caricaturizando-os – também a imprensa, ao invés de narrar a contemporaneidade, caricaturiza e degrada o valor humano que move a realidade social. Ao ignorar a natureza e a cultura paraguaia, por exemplo, as reportagens aqui criticadas reduzem as pessoas daquele país a objetos excêntricos e motivo de deboche pelos que estão no “lado de cá da linha abissal” – atitude desumanizadora.

Assim também, quando reportagens, pela sutileza retórica, apresentam caricaturas estereotipadas do negro, da mulher, do pobre, das pessoas em situação de rua ou do estrangeiro, reforçam preconceitos e reduzem-nos a uma vida marginal – ignora-os, os torna invisíveis, desumanizam. A questão da migração nas Américas tem sido marcada por coberturas discriminatórias, como constatado durante o 9º Fórum de Austin sobre Jornalismo nas Américas, realizado em setembro de 2011, no Texas (EUA). Os mais de 50 jornalistas e especialistas de 20 países da América Latina e do Caribe decidiram buscar maneiras de cobrir a imigração de forma mais humana, equilibrada e consciente, pois é uma questão regional cuja cobertura deve ir além do cruzar fronteiras com ou sem papéis. Para estes jornalistas, a cobertura da migração precisa tratar dos próprios imigrantes, de suas famílias, das razões históricas da migração, das políticas dos governos, de questões de saúde, de fatores econômicos e sociais, de habitação e de tantos outros pontos que fazem parte do fenômeno. Conforme destacou Jose Luis Sierra, da New America Media, a imigração é “um tema tratado com muita hipocrisia e muitos clichês – desumanizam”.

Sobre a humanização, tema que sempre foi alvo de minhas preocupações, encontro no Humanismo Universalista, de Silo, argumentos relevantes que sustentam minhas convicções em torno da viabilidade do que chamo de jornalismo humanizado. O argentino Mario Luis Rodríguez Cobos (Mendoza, 1938-2010), mais conhecido como Silo, foi um dos grandes incentivadores desta linha de pensamento, o que o levou a receber o título de doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências da Rússia. Em *Interpretazioni dell’Umanesimo*, o italiano Salvatore Puledda aponta alguns aspectos defendidos por Silo:

Os humanistas são internacionalistas, aspiram a uma nação humana universal. Compreendem globalmente o mundo em que vivem e atuam



em seu ambiente imediato. Não desejam um mundo uniforme, mas múltiplo: múltiplo em etnias, línguas e costumes; múltiplo nas localidades, nas regiões e nas autonomias; múltiplo nas ideias e nas aspirações; múltiplo em crenças, o ateísmo e a religiosidade; múltiplo no trabalho, múltiplo na criatividade. (Silo, *in* Puledda, 1999).

O espírito deste suposto parece ser a alteridade como condição para o humano ser. Ao desprezar as diferenças e o diferente, reportagens como as aqui criticadas incorrem na intolerância e na redução de pessoas a coisas, ou imigrantes a selvagens, colonizados, ilegais.

Considerações finais Desafios e perspectivas

As constatações aqui apresentadas sobre a Imprensa brasileira, ao que tudo indica, não são exclusividade do nosso país. O período em que vivi em Portugal me permitiu verificar semelhanças na postura e no fazer da Imprensa lusa. Relembrando Alberto Dines, em *O papel do jornal* (2008), “a imprensa é uma fatia do mesmo bolo social”. Por isso mesmo, os órgãos de imprensa portugueses também refletem o espírito, o sentimento de grande parte da população do país. Assim, destaco algumas similaridades observadas preliminarmente no comportamento da mídia lusitana: 1) preconceito (pensamento abissal); 2) apego às fontes oficiais; 3) concentração nas consequências mais que nas causas.

Sobre o preconceito, a reportagem do jornal “i” narrada nas linhas anteriores provocou respostas de leitores que se sentiram revoltados com o fato exposto na matéria. Tais manifestações, acima de tudo, expressam um estado de espírito de um país em plena crise econômica. Os anúncios sistemáticos de austeridade pelo Governo, que envidava esforços para equilibrar as contas públicas e saldar os compromissos com órgãos internacionais, vinham gerando muita insatisfação. A postura do jornal “i”, no entanto, ajuda a alimentar a indignação popular diante de situações que os fazem se sentir lesados.

A atitude preconceituosa com estrangeiros em Portugal não é nova. A professora Isabel Ferin, da Universidade de Coimbra, em entrevista⁴ a este pesquisador, comenta que, em décadas passadas, o país recebeu muitos imigrantes das chamadas ex-colônias, como Cabo Verde, Angola e Moçambique. A Imprensa os tratava como “africanos ou

⁴ Entrevista concedida em 28 de setembro de 2012.



negros”, responsáveis por todo tipo de violência que pudesse acontecer. Num momento de euforia econômica, nos anos 1990, houve grandes investimentos em obras de infraestrutura e começaram a chegar os brasileiros, os homens para a construção civil, as mulheres para o comércio, algumas atuaram na prostituição. Imediatamente a mídia passou a se referir aos brasileiros como bandidos e prostitutas. Argumenta Isabel Ferin que a situação no noticiário só se reverteu por ação do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, que empreendeu intensos esforços para convencer editores e jornalistas do equívoco em causa.

A outra questão relevante que anoto como semelhante entre jornais brasileiros e portugueses é a acentuada dependência das fontes oficiais. Em outras entrevistas⁵ concedidas a este pesquisador, Rosa Cabecinhas, pesquisadora da Universidade do Minho, em Braga, e Estrela Serrano, coordenadora do Centro de Investigação de Media e Jornalismo (CIMJ), vinculado à Universidade Nova de Lisboa, unem-se a Isabel Ferin para ratificar esta constatação. Para as três pesquisadoras, as fontes prioritárias da Imprensa portuguesa têm sido as oficiais. Sobre as demais, “muitas fontes são anônimas e não acrescentam nada para a compreensão do assunto, quase que por obrigação”. Estrela Serrano é ainda mais enfática: “as pessoas são ouvidas apenas para enfeitar a peça jornalística”. A motivação para esta conduta, segundo as entrevistadas, seria a pressão do tempo, as equipes de redação cada vez menores, além de um comportamento acrítico de boa parte dos jornalistas, entre outros fatores.

O terceiro ponto comum entre brasileiros e portugueses está na concentração nas consequências mais que nas causas. O noticiário exaustivamente dá conta da crise econômica porque passa o país, a dependência à Troika (organismos internacionais que financiaram a dívida de Portugal, composta pela Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional). Dia a dia se mostra os pacotes de austeridade impostos à população e as manifestações populares contrárias a tais medidas. Mas, na leitura diária da imprensa não se nota discussões de fundo sobre as causas dessa situação. Em nenhum momento se debate, por exemplo, os altos investimentos em obras monumentais em décadas passadas, o estabelecimento de um clima de otimismo (exagerado?) e um estímulo ao consumo – mais que ao de poupança –, que têm contribuído para a desestabilidade econômica e política atual. A Imprensa promove o debate da crise, não de suas causas.

⁵ Entrevistas concedidas em 28 de setembro e 24 de outubro, respectivamente.



http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147_Para%20alem%20do%20pensamento%20abisal_RCCS78.pdf . Acesso em 07 junho 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – Vol. 1 – Porque as notícias são como são. 2ed. Florianópolis: Insular, 2005.

Entrevistas:

O jornalista tem um contrato de credibilidade com o seu público. Entrevista com Estrela Serrano, publicada na revista Comunicação & Sociedade, Vol. 34, No 2 (2013), disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3509>

Criticar para construir alternativas: Isabel Ferin fala a Jorge Kanehide Ijuim. Entrevista com Isabel Ferin Cunha, publicado na revista Estudos de Jornalismo e Mídia, v. 9, n. 2 (2012), disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p454>

Reportagens consultadas:

Esquema Certidões falsas feitas no Brasil servem para Portugal emitir passaportes. Jornal I, 6 outubro 2012. Disponível em <http://www.ionline.pt/portugal/esquema-certidoes-falsas-feitas-no-brasil-servem-portugal-emitir-passaportes> .

G1 - 04/02/2012 12h42 - *Princípio de rebelião é controlado em unidade da Fundação Casa em SP* - <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/02/principio-de-rebeliao-e-controlado-em-unidade-da-fundacao-casa-em-sp.html>

OESP - 30 de novembro de 2011 | 10h 28 - *Rebelião em Fundação Casa termina com dois feridos na zona leste de SP* - <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,rebeliao-em-fundacao-casa-termina-com-dois-feridos-na-zona-leste-de-sp,804890,0.htm>

Folha.Com - 30/11/2011 - 10h43 - *Adolescentes fazem funcionários reféns na Fundação Casa em SP* - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1014299-adolescentes-fazem-funcionarios-refens-na-fundacao-casa-em-sp.shtml>

Folha.Com - 16/07/2011 - 18h59 - *Jovens incendeiam ala de unidade da Fundação Casa em SP* - <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/944719-jovens-incendeiam-ala-de-unidade-da-fundacao-casa-em-sp.shtml>

DN-Globo – 03 janeiro 2012 - *Greve da polícia militar lança o pânico em Fortaleza* - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2219354&seccao=EUA%20e%20Am%E9ricas

A tarde online - 02/02/2012 ÀS 13:17 - *Justiça decreta ilegalidade da greve da polícia* - <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=5805992&t=Justica+decreta+ilegalidade+da+greve+da+policia>

Folha de S. Paulo - terça-feira, 14 de fevereiro de 2012 - *Exército vai ficar na Bahia durante o Carnaval* - <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/25839-exercito-vai-ficar-na-bahia-durante-o-carnaval.shtml>

Folha de S. Paulo - domingo, 12 de fevereiro de 2012 - *Insegurança causa medo até em policial civil* - <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/25435-inseguranca-causa-medo-ate-em-policial-civil.shtml>

Estadão.Com - 13 de fevereiro de 2012 | 17h 53 - *PMs são suspeitos de 25 homicídios durante greve; Bahia teve 180 ao todo* - <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,pms-sao-suspeitos-de-25-homicidios-durante-greve-bahia-teve-180-ao-todo,835347,0.htm>

Jornal da Manhã – TV Globo Bahia – 13/02/2012 - *Prejuízo do comércio com a greve da PM foi de R\$ 300 milhões* - <http://globo.tv.globo.com/rede-bahia/jornal-da-manha/v/prejuizo-do-comercio-com-a-greve-da-pm-foi-de-r-300-milhoes/1810441/>

Valor Econômico, 07/12/2011 - *Presídios geram negócios e empregos no interior de SP* - <http://www.valor.com.br/impreso/atividade-economica/presidios-geram-negocios-e-empregos-no-interior-de-sp> .